

CAMINHANDO & CANTANDO

TRINTA E CINCO TRABALHADORES RURAIS SEM-TERRA REALIZAM OFICINA MUSICAL EM BRASÍLIA E COMPÕEM CANÇÕES SOBRE O MOVIMENTO. O SONHO DOS PARTICIPANTES DA OFICINA É LANÇAR UM DISCO COM AS COMPOSIÇÕES.

Fotos: Adauto Cruz



A música Terra e Raiz foi o resultado final da Oficina Nacional de Formação dos Músicos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, que teve o apoio da FCDF, UnB e Escola de Música

José Rezende Jr.
Da equipe do Correio

Cristiane tem 13 anos. Mora numa barraca de lona, no fim do mundo, em Nioaque, Mato Grosso do Sul. Quando chove, a chuva molha até os ossos. Quando estia, o calor derrete até a alma. Cristiane toma banho de caneca. Tem dois sonhos, um mais difícil que o outro: "Ser cantora e ver esse Brasil mudar".

Cristiane Francelina Dias tem a voz pequena, como o seu corpo de menina. Mas cresce inteira quando sobe ao palco do Teatro dos Bancários para gravar os versos da balada que compôs no ano passado, num único dia:

*Sou criança e sei pensar
Tenho direito e vou cobrar
(...)
Cada dia que passa, vejo tanta dor
O povo humilhado, o povo sofrido
(...)
Pátria eu não conheço
Muito menos um país.*

Sou Criança e outras 19 canções estão na fita cassete gravada na última quinta-feira por cantores, compositores e instrumentistas que têm, todos eles, as mesmas fontes de inspiração: a luta e o amor pela terra.

A gravação da fita, num modesto equipamento mono emprestado pelo Sindicato dos Bancários, mar-

cou o encerramento da I Oficina Nacional de Formação dos Músicos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST).

A oficina, realizada na semana passada pelo MST, com apoio da Fundação Cultural do Distrito Federal, trouxe a Brasília 35 sem-terra de várias partes do Brasil. Cantadores que, com sua música, animam caminhadas, acampamentos, assentamentos e assembléias.

Marivaldo Nascimento, um dos alunos da oficina, tem 16 anos, os três últimos vividos em três acampamentos diferentes, em Rondônia, sempre em barracas de lona. E sempre cantando, com sua bela voz de dupla sertaneja.

"A música ajuda a nossa luta. E traz alegria pro povo", afirma Marivaldo.

Evangelista Bezerra Paes, 19 anos, também vive cantando no acampamento da fazenda Sul Bonito, em Itaquiraí, Mato Grosso do Sul, principalmente quando a lua é clara e espanta a escuridão da noite sem luz elétrica.

"A música é pra gente não esquecer o passado", acredita Evangelista, autor de *A Luta do Passado*. A toada sertaneja de Evangelista conta a história do acampamento desde a madrugada em que 1.027 famílias chegaram no frio até a noite de terror em que os fazendeiros incendiaram o mato, quase provocando

mais uma tragédia.

Na verdade, a música dos sem-terra não é feita nem cantada para espantar os males, mas para lembrar que eles existem e que, um dia, serão enterrados para sempre.

"Quando ocupamos um latifúndio improdutivo, fincamos nossa bandeira e começamos a cantar", lembra o pedagogo gaúcho Edgar

TERRA E RAIZ

(criação coletiva dos alunos da oficina de música do MST)

*A terra guarda a raiz
da planta que gera o pão
A madeira que dá o cabo
Da enxada e do violão
Liberdade é pão, é vida
Terra, mãe, trabalho e amor
É o grito da natureza
Viola de um cantador
É o povo em movimento
Contra as cercas da concentração
Com um sorriso de felicidade
E a história na palma da mão
A terra guarda a raiz...*

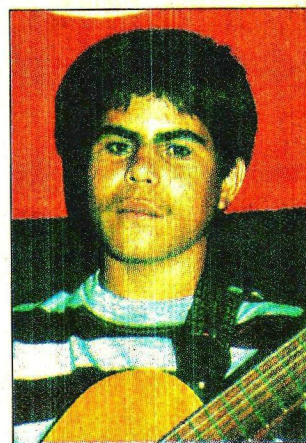
Kolling, 34 anos, coordenador do Setor Educacional do MST. "A música tem uma linguagem mais direta do que qualquer discurso político", afirma ele.

SOL DE PRIMAVERA

Desde que os sem-terra começaram a se organizar, em 1984, compuseram mais de cem canções. José Tavares da Silva, 43 anos, um pedreiro desempregado que virou sem-terra e vive acampado numa fazenda em Andradina, São Paulo, contribuiu para o repertório com dez músicas inspiradas na luta pela terra. Fez, também, 73 falando de amor. Prefere as engajadas às românticas.

"Quando eu canto o amor, estou falando de uma coisa que só eu sinto naquela hora. Quando falo da terra, canto a luta de um povo inteiro", entusiasma-se Tavares.

A luta de um povo inteiro não cabe numa fita cassete. Por isso, o MST sonha com a gravação de um CD. O projeto foi encaminhado ao ministro da Cultura, Francisco Weffort, que adorou a idéia, mas não tem dinheiro.



Para Marivaldo, 16 anos, a música é alegria e luta

Agora, os sem-terra buscam apoio da Fundação Cultural do DF e de pequenos empresários que apóiam a causa. Antes que alguém estranhe, o coordenador do Setor Educacional explica:

"Dos grandes, queremos distância. Mas os pequenos empresários são nossos aliados. Afinal, os assentamentos de sem-terra aumentam o giro do

comércio, dinamizam a economia do município", afirma Kolling.

Assim, o CD é mais um sonho dessa gente que adora botar nas canções títulos como *Sonhar Não Cansa, Sonhar Grande, O Sonho de Todos...* A verdade é que os sem-terra já sonharam muito. Muitos deles se perderam no caminho (foram 19 mortos só no massacre de Eldorado de Carajás). Mesmo assim, acreditam que não custa inventar, sempre, uma nova canção, com versos como os do mineiro Zé Pinto: *E assim ninguém chora mais / Ninguém tira o pão de ninguém / O chão onde pisava o boi / É feijão e arroz / Capim já não convém.*